

SHARON DOGAR

O anexo

*A incrível história do garoto
que amava Anne Frank*

Tradução

LUIZ A. DE ARAÚJO



Copyright do texto © 2010 by Sharon Dogar
Copyright das ilustrações © 2010 by George Fiddes

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Annexed — The incredible story of the boy who loved Anne Frank

Capa

Luciana Facchini

Fotos de capa

ao fundo: casa onde Anne Frank escreveu seu diário

© Álbum/ Akg-Images/ LatinStock

primeiro plano: Joseph Goebbels, 1943

© Bettmann/ Corbis (nc) / LatinStock estudante, 1946

© Alfred Eisenstaedt/ Pix Inc./ Time & Life Pictures/ Getty Images

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Evandro Lisboa Freire

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dogar, Sharon

O anexo : a incrível história do garoto que amava Anne Frank / Sharon Dogar ; tradução Luiz A. de Araújo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Annexed — The incredible story of the boy who loved Anne Frank.

ISBN 978-85-359-1910-3

1. Ficção inglesa 1. Título.

11-05747

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PREFÁCIO

É quase maio de 1945. A Segunda Guerra Mundial está prestes a terminar. Peter van Pels¹ está em um campo de concentração nazista chamado Mauthausen. Segundo consta, ele deu entrada na enfermaria no dia 11 de abril. Isso significa que está há mais de três semanas na enfermaria, o que só pode ser um erro de registro ou um feito extraordinário. Ninguém que sobreviveu à ocupação nazista na Holanda, ao transporte para Auschwitz, à travessia da Polônia e da Áustria até Mauthausen² e, depois, passou três meses “trabalhando”, consegue durar mais que alguns dias em uma enfermaria — que não passa de um rio de moribundos que corre incessantemente. Não há tratamento e quase nenhuma comida — não nessa fase da guerra.

Mas se são tantas as histórias extraordinárias de sobrevivência quase impossível durante o Holocausto, por que esta não seria verdadeira? E, estando na enfermaria, por que Peter não começaria a repassar na cabeça sua breve existência? Ele tem dezoito anos. Passou dois desses dezoito anos no “anexo” em Amsterdam — lugar que o diário de Anne Frank tornou famoso. Mas como foi esse período para ele?

Neste romance baseado na história, tento imaginar como teria sido viver com Anne Frank. Ser objeto do seu amor e ver-se cruelmente separado dela bem quando a libertação chegava à Holanda.

1. Conhecido como Peter van Daan no diário de Anne.

2. Um dos campos mais célebres pela crueldade.

Um dos aspectos mais dolorosos da história de Anne Frank, sua família e amigos no anexo foi quase terem sobrevivido e chegado ao fim da guerra. Embarcados no último trem que partiu da Holanda para Auschwitz, só um sobreviveu: Otto Frank, o adorado pai de Anne.

No momento em que escrevo, Anne Frank (se estivesse viva) teria oitenta e poucos anos. Ainda poderia escrever histórias, ainda teria condições de nos ensinar o que é continuar viva para a beleza do mundo enquanto tudo à sua volta comprova a morte, o ódio e a destruição.

Mas, apesar da sua inteligência e vivacidade singulares, ela nunca soube que um dia viria a ser um ícone. Era uma moça extremamente impetuosa, inteligente, presunçosa e, às vezes, complicada. Otto Frank disse publicamente que “não conhecia” a Anne Frank que todos sentem conhecer tão bem pelo seu diário, coisa que o levou a deduzir um fato simples: “nós, os pais, não conhecemos nossos filhos”. Um relato “imaginário” do que sucedeu no anexo deve levar em conta essa afirmação do pai de Anne. A Anne vista em seu diário não é necessariamente a que as pessoas no anexo achavam que conheciam.

E Peter? Acaso o Peter sobre o qual Anne escreve tem semelhança com aquele que ele próprio sente que é? O que significa ser uma pessoa no diário de outra (especialmente de outra tão famosa), fixada para sempre tal como a viram olhos alheios? E se Peter não fosse assim — e se, como Anne sugere mais de uma vez, estivesse longe de ser quem ela pensava?

A nossa visão das pessoas e da história muda com o tempo. O diário de Anne é uma parte importantíssima da nossa história. Conta-nos em detalhes o que era viver escondido durante a ocupação nazista e a “limpeza”³ da Holanda. O Holocausto não é coisa com que os escritores devam brincar, mas o que podemos fazer é imaginar o que se passou entre as pessoas no anexo — e o que uma sentia pela outra. Como saber o que

3. Esse era o nome dado pelos nazistas ao ato de remover os judeus, os ciganos, os deformados e deficientes de uma região e interná-los nos campos de trabalho e extermínio.

Anne diria a respeito disso se pudesse? É quase certo que seria mais indulgente com a mãe e Fritz Pfeffer. O que sentimos na adolescência pode ser forte e intenso, mas não é uma verdade absoluta.

E o que os outros teriam a dizer do modo como ela os retratou — especialmente Peter? Foi isso que eu imaginei. Como Peter sentiria tudo do seu ponto de vista. Fiz o possível para não alterar os fatos de sua existência no anexo ou (tanto quanto é possível sabê-lo) o que aconteceu quando eles deixaram o lugar e entraram no mundo dos campos de extermínio nazistas.

Imaginar pode ser importante para conservar viva a história, e não havia ninguém mais sagaz, inteligente e curioso sobre o mundo que Anne Frank. Infelizmente, não podemos alterar o que aconteceu com ela, sua família e seus amigos. Mas podemos seguir contando sua história, podemos continuar pensando no significado de ser humano, tanto no amor quanto no ódio por nós mesmos — e podemos (como fez Anne Frank) procurar manter vivos os fatos da Segunda Guerra Mundial para cada nova geração, na esperança de que se tenha consciência de quão catastróficas são as consequências do ódio.

PRÓLOGO

Maio de 1945 — Peter: Áustria,
Mauthausen, enfermaria

*Acho que estou vivo.
Mas não tenho certeza.
Estou doente.*

*Só pode ser isso, do contrário não estaria deitado. Nós nunca
deitamos.*

Não há descanso nos campos.

*Eu devia estar carregando pedras na escada da pedreira. O pico
dela fica tão longe. Não acreditei que fosse conseguir. Quando alguém
à nossa frente cai, caímos todos — a menos que sejamos rápidos. Às
vezes os guardas esperam que um de nós chegue ao último degrau, já
pensando em se livrar do fardo, no alívio de se desfazer do peso. Então
eles nos chutam com a bota. E nós caímos feito peças de dominó.*

*É a única coisa de que me lembro, ter caído na pedreira. Sinto o
corpo rebater e quicar. Sinto outros corpos caírem em cima de mim. Sou
esmagado, corpos ossudos sobre corpos ossudos. Agora somos tão pon-
tiagudos. Todos nós. Os meus ossos estalam. Não posso respirar. Os
corpos se afastam de mim. Os mortos são arrastados pelos vivos. Con-
sigo respirar. Meus ossos voltam ao lugar. Estou vivo e preciso me levan-
tar, do contrário serei empilhado com os mortos. Tento ficar de pé.*

*Sei por que os guardas riem. Pareço uma marionete. Uma mario-
nete de osso com todos os cordéis cortados. Levanto-me. Ando. Mas sei
que, na verdade, continuo morto no chão. Temos que — que sobreviver.*

Logo alguém virá me acordar e o pesadelo recomeçará.

Estou à espera da palavra, daquela palavra:

Wstavach.

Acordem.

Se eles vierem, tenho de me levantar e trabalhar, ou então morrerei.

Talvez já esteja morrendo.

Todo mundo morre no fim, não há outra saída.

E chegou a minha vez.

É um alívio.

O problema de ficar de cama são as recordações. Elas teimam em chegar; lembrando-me de quem sou.

Do mundo.

Da minha vida.

Os judeus alemães dão um nome a isso.

Heimweh.

Saudade de casa. Evitamos quando podemos. Pode ser fatal.

Estou com febre. Minha cabeça dói. Meus ossos doem. São apenas palavras, não explicam a dor. Meus ossos moídos. Não há palavra para uma dor assim.

Mas as lembranças são piores — imagens de um tempo passado. De um tempo que preciso negar para poder seguir adiante quando vierem me acordar. Pôr um pé à frente do outro, fingindo que só preciso passar por este momento, por este dia, por esta noite — para sobreviver.

Para contar a minha história.

Mas as recordações persistem; roçam o limite da resistência. Transbordam.

Havia uma garota, não? Havia um lugar.

Um lugar em que as folhas caíam de uma árvore, caíam como moedas de ouro na água quando olhávamos pela janela do sótão... E, antes disso, havia um lar, uma rua, um mundo, uma garota que eu amava...

PRIMEIRA PARTE

O ANEXO

*13 de julho de 1942 — Peter van Pels:
Amsterdam, Zuider-Amstellaan*

Vou correndo pela rua; é muito cedo e o sol tenta transpor a névoa. Meus passos ecoam. Meus pensamentos correm em disparada: *Não vou para o esconderijo. Não vou para o esconderijo — muito menos com os Frank!*

Não sei aonde ir; só sei que não estou disposto a isso. Não estou disposto a ficar enfurnado em um apartamento minúsculo com duas garotas (especialmente Anne Frank) e Mutti e o sr. Frank! O fato de papai ter negócios com eles não nos obriga a gostar deles! Prefiro tentar a sorte na rua.

Piso na calçada. Atrás de mim, ouço o ronco de um motor. Sei imediatamente do que se trata. Nós todos conhecemos esse barulho: é um veículo militar.

Diminuo o passo, mantenho-me na sombra. Ainda é toque de recolher para os judeus, não que eu tenha cara de judeu.

Estou quase chegando.

À casa de Liese.

“Liese.”

Murmuro o nome dela. Imagino seu rosto, os olhos azuis e o cabelo escuro, macio. Imagino o que vai fazer quando lhe disser que estou fugindo. Pode ser que me agarre; pode ser que se deite na relva comigo. Pode ser...

Preciso me concentrar. Preciso transpor o muro e entrar no quintal dela.

Tomo impulso e tento pular. É alto. Não consigo.

O ruído do motor se aproxima.

Apoio o pé esquerdo no muro e agarro o cume dele com a mão direita, guiada pelo medo — e dessa vez consigo.

Caio na grama. Ofegante, apalpo o chão à procura de uma pedra, de um galho, de qualquer coisa que eu possa jogar na janela para acordá-la.

Mas algo me detém. Escuto. As árvores estão em silêncio. Nenhum ruído. Quer dizer que o motor parou. Fico totalmente imóvel. Será que me viram? Será que estão procurando entre as árvores, escutando, esperando que eu me denuncie: que faça barulho?

Uma pancada rompe o silêncio, punhos esmurraram a porta, gritos.

“Abram! Abram!”

Estou no quintal, immobilizado. Vejo as luzes se acenderem. Vejo o rosto de Liese aparecer brevemente à janela quando ela fecha a cortina — então desaparece. Observo quando toda a família surge atrás da janela iluminada da sala. Estão de pijama. Gesticulam, argumentam, mas no fim pegam as malas, vestem o casaco e se vão — com Liese.

Sei que andam convocando garotas adolescentes. Sei que é por isso que vamos nos esconder, porque Margot Frank foi convocada. Mas nunca imaginei que fosse acontecer com Liese.

Tento correr ao seu encontro, mas minhas pernas não se mexem, minha mão ainda segura uma pedra do muro. Não sei quanto tempo demoro para me mover outra vez; pulo o muro e corro até a esquina, mas sei que é tarde demais. O furgão já está em movimento. Eu o vejo virar e se afastar velozmente.

Levando Liese.

Começo a correr. Corro muito, mas o veículo já vai longe.

Liese!

Liese!

O furgão segue adiante, desaparece. Continuo correndo até cair de joelhos. Tarde demais.

Tarde demais.

Ela se foi.

Não posso acreditar. Por quê? Por que ela? Por que agora?

Volto para a casa. A porta está trancada, mas sei onde guardam a chave. Abro-a lentamente. Tudo muito limpo e arrumado. A tampa do piano ficou aberta — a partitura favorita de

Liese ainda está no suporte. Tudo continua igual, mas a casa está deserta, deserta dela, por isso tudo fica completamente diferente. Aonde a levaram — e por que levaram todos eles? Aonde irei agora?

Não sei o que fazer.

Olho para a rua pela janela. Consulto o relógio. Seis e vinte e dois. Dentro de algumas horas, devo estar no escritório do sr. Frank. Chegaremos separadamente, todos nós. Entraremos no prédio como se fosse para uma visita comum — só que dessa vez não sairemos mais.

Vamos ficar.

Não sabemos até quando.

Olho pela janela.

As ruas estão vazias de manhã, também eu estou vazio. Não consigo pensar em nada: só no furgão desaparecendo e no fato de que eu estava lá e deixei acontecer. Como cogitar fugir deles, ou combatê-los?

Ela partiu.

E eu já sei o que fazer.

Vou me esconder.

Espero e vejo a rua encher-se de gente. Espero e vejo o sol ficar mais a pino. Espero e vejo o mundo se animar. Espero sabendo que não vou a lugar nenhum, pois não tenho aonde ir.

Olho pela janela.

O mundo que vejo já não é o meu — é o deles: o do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães — dos nazistas. Eles o tomaram de mim, pedaço por pedaço. Não posso viajar de bonde nem de trem como todo mundo. Não posso nadar na mesma água nem assistir a um filme no mesmo cinema. Não posso fazer compras nas lojas que não são de judeus. Não posso me sentar na rua. Não posso beber das fontes. Não posso ir a lugar nenhum sem a estrela no peito. Não posso... Não posso... Não posso fazer nada. Se resolverem me agredir, não posso esperar socorro — e não devo reagir. Se *o fizer*, eles são capazes de me espancar até a morte, e ninguém os impedirá. Se eu *não* reagir, sou exatamente o que dizem que sou: um judeuzinho covarde.

Eu já não existo. Eles me transformaram em um ninguém, de modo que podem me apagar da face da Terra.

Agora isso me parece tão óbvio.

Custo a acreditar que não percebi antes.

Como foi possível?

Como cheguei a pensar que podia escapar?

Como cheguei a pensar que podia lutar?

Preciso ir. Está na hora. Encontro uma mochila e, dentro dela, um paletó com uma estrela pregada, mas, no último instante, decido não o vestir. Se este for meu último passeio pela cidade, prefiro estar livre — ser eu mesmo — e, se acontecer alguma coisa, se me descobrirem — que descubram.

A Prinsengracht fica longe: a uma hora de caminhada talvez. No fim do canal há um armazém; e um anexo escondido no fundo.

Ninguém sabe da sua existência, só os empregados que vão ajudar a nos esconder. Papai diz que é uma sorte, muita sorte, ele ter negócios com o sr. Frank. Sorte porque o sr. Frank nos convidou para ficar com a família dele no esconderijo. Eu não concordo. Preferia ir para os Estados Unidos.

Tenho um diagrama do anexo. Sei por onde entrar, que escada usar e como chegar ao fundo do prédio, onde ficam escondidos os cômodos. Onde nós ficaremos escondidos.

Agora preciso ir.

Caso eu vá.

Estou na rua. O sol bate no meu rosto. Sem estrela no peito. Tenho uma hora de liberdade. Uma hora. O mundo ao meu redor parece estranho: extremamente nítido e belo. Sem a estrela, não me endereçam olhares compadecidos. Esqueci como é andar por aí sem ser notado. Paro. Bebo de uma fonte. Mutti ficaria horrorizada. Posso ser preso, morto, mandado para longe se me descobrirem. Um judeu bebendo de uma fonte! Posso infectar os não judeus, mas com quê?

O que é que nós temos de tão ruim?

“Linda manhã!”, sorri uma mulher. Eu retribuo o sorriso, mas penso: *Eu sou judeu, sua burra, não enxerga? Sem a minha estrela para orientá-la, você não sabe quem eu sou? Tome*, penso em lhe

dizer, *pregue-a na sua roupa. Se sentem tanta pena de nós, por que não as usam, de modo que ninguém saberia a diferença entre nós?*

Mas não digo nada.

Limito-me a sorrir.

E me afasto.

A caminhada termina depressa — depressa demais. As avenidas largas transformam-se em pequenos canais e ruelas perto do centro de Amsterdam. Então eu chego. Estou em frente ao depósito: Prinsengracht, 263. Olho para as portas largas de madeira e para a portinha estreita, no alto da escada, pela qual devo entrar.

Tenho medo.

Quero correr. Correr, correr sem parar até encontrar Liese. Vou segurar a mão dela e, juntos, correremos até dar com um bosque, com um morro, com uma caverna em que possamos nos esconder. Mas não há nada disso — só planícies. Já fugimos da Alemanha para cá. E agora nos cercaram. Os nazistas estão em toda parte: em Luxemburgo, na Bélgica, na França. A Holanda não passa de um bolsinho no casaco feito de nazistas. Não temos para onde ir. Fico olhando para as portas.

Sinto-me mal.

Sinto o sol quente nas costas.

Viro e olho para a rua. Não devia fazer isso, não devia fazer nada que chame a atenção — mas não consigo. Viro e olho para a rua comprida e estreita. Olho para as árvores e para a água do canal. Olho para os transeuntes, mas agora pouco importa quanto tempo vou ficar ali, olhando. Nada vai mudar.

Liese não voltará.

É provável que eu nunca mais a veja.

Meu nome é Peter van Pels. Tenho quase dezesseis anos. Subo a escada de pedra e giro a maçaneta da estreita porta de madeira. Abro-a e entro. Ela se fecha às minhas costas.